## **ATENÇÃO!**

Os taquigramas estão em vermelho! Os sinais terminais e iniciais especiais estão <u>sublinhados</u>!

DISCURSO DE POSSE DOS NOVOS MAGISTRADOS CATARINENSES, CONCURSO Dois mil e um – dois mil e dois.

André Alexandre Happke

Bacharel em Direito pela Universidade Regional de Blumenau (Santa Catarina), Juiz de Direito Substituto em Santa Catarina.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Presidente do Egrégio <u>Tribunal de Justiça</u> do Estado de Santa Catarina, <u>Desembargador</u>. João José Ramos Schaefer.

Excelentíssimo Senhor Desembargador <u>Vice-Presidente</u> e também Presidente da Comi<u>ssão</u> Examina<u>dora</u> do Concurso para Ingresso na Magistra<u>tura</u> Catarinense,

Desembargador. Alcides dos Santos Aguiar.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Segundo Vice-Presidente

Desembargador. Alberto Luiz da Costa.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Corregedor Geral da Justiça

Desembargador Carlos Alberto Silveira Lenzi.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Diretor Geral do Centro de Estudos

Jurídicos e Diretor Executivo da Academia Judicial, Desembargador. Pedro Manoel

Abreu.

Permitam-me cumpri<u>mentar</u> nas pessoas de <u>Vossas Excelências</u> as <u>demais autoridades</u> que compõem a mesa e que prestigiam esta soleni<u>dade</u>.

Cumpri<u>mento</u> igual<u>mente</u> os familiares de <u>todos</u> nós que toma<u>mos</u> posse nesta data, os diletos amigos, entre eles nossos professores, os colegas de trabalho que aqui se fazem presentes, enfim, <u>todos</u> aqueles que, de uma ou outra forma, contribuíram para a rea<u>lidade</u> que ora se nos mostra.

É com muita felicidade que falo agora, em meu nome e de meus colegas.

Muitos sentimentos diferentes podem ser expressos em um momento como este, mas o primeiro, certamente, é o de agradecimento.

Agradecimento a todas as pessoas precedentemente referidas.

Cada um de nós sabe das dificuldades, dos obstáculos, <u>mas</u>

<u>também</u> do incen<u>tivo</u> e das vi<u>tórias</u> alcançadas nesse percurso, uma a uma. E
sabe<u>mos</u> que não chega<u>mos</u> ao fim do caminho, é apenas o começo.

Sempre tive<u>mos</u> em mente, no dizer de Eduardo Galeano,
que "so<u>mos</u> o que faze<u>mos</u>, mas <u>somos</u>, <u>principalmente</u>, o que faze<u>mos</u> para
mudar o que so<u>mos</u>".

Outro sentimento que emerge é o de satisfação. Prazer inescondível em nossas faces por termos alcançado um grande sonho. E, parafraseando o grande poeta catarinense, Lindolf Bell, não fomos menores do que nossos sonhos. Agora fazemos parte do corpo da magistratura brasileira. Sabemos que ela enfrenta um momento delicado, conseqüência imediata da ampliação de sua atuação, seja pelo aumento da demanda, seja pelo papel social e político que os magistrados assumiram nos últimos tempos.

A vida em sociedade, por si, é geradora de infinitos conflitos, que nem sempre são confiados ao Poder Judiciário. O drama mais agudo do Poder, hoje, é suplantar as barreiras da miséria social e cultural como entraves ao acesso à justiça. A criminalidade à solta, a desigualdade, a incultura, as injustiças históricas praticadas contra o povo brasileiro por uma elite insensível, confinando na miséria e na exclusão social parcela significativa da população, são motivos suficientes para alimentar os escaninhos dos fóruns de Justiça. Contemporaneamente, todavia, as questões internas estão entrelaçadas com os problemas globais, internacionais, modificadores do conceito de soberania nacional. As decisões políticas já não são apenas dos governos estatais, mas também dos chamados "governos privados" das corporações econômicas nacionais, internacionais, multinacionais, diante do fenômeno da globa<u>lização</u>. É nesse contexto e frente a esses desafios que se insere o Poder Judiciário, a quem incumbe, como poder democrático que é, restabelecer o equilíbrio na vida em sociedade, a paz, que é o fruto da Justiça, nas palavras do profeta Isaías. Muito se fala atualmente da paz, certamente porque só é valorizada quando se a perde. <u>Transparece inarredável que o julgador tem de ser agente da paz; há de ser pacificador.</u> Isso mesmo, antes de se impor pela autoridade, nem sempre capaz de resolver a contenda...